

“A ‘ESPERANÇA’ FEZ-SE CARNE E HABITOU ENTRE NÓS”

Advento 2025: viver e celebrar o mistério da Esperança que se fez carne

Introdução

No coração do ano pastoral que vivemos, marcado pelo Jubileu de 2025 e pelo convite diocesano a partilhar uma esperança viva, propomos um itinerário litúrgico-mistagógico para o tempo do Advento, sob o título “A Esperança fez-Se carne”.

O Advento é tempo de vigília e de promessa, de escuta atenta e de caminhada confiante. A Igreja, povo peregrino que aguarda o seu Senhor, vive estas semanas como preparação festiva e orante para a celebração do mistério da Incarnação. Mais do que esperar algo, esperamos Alguém. E essa espera transforma-se em caminho, em conversão, em esperança incarnada.

Na fé cristã, a esperança não é mera expectativa, mas certeza viva de que Deus cumpre o que promete. Por isso, neste tempo litúrgico, somos convidados a deixar que a Palavra nos desperte, que os símbolos nos iluminem e que a celebração nos conduza ao encontro d’Aquele que vem habitar no meio de nós.

A presente dinâmica pastoral foi concebida pelo Secretariado Diocesano de Liturgia com o desejo de oferecer às comunidades paroquiais, grupos litúrgicos, catequese e famílias um caminho espiritual e celebrativo, profundamente enraizado na Liturgia da Igreja. Ao longo dos quatro domingos do Advento, propõe-se um percurso centrado na escuta da Palavra, na contemplação de um símbolo litúrgico, na evocação de uma figura bíblica e na vivência de um gesto concreto de esperança.

Cada semana, a liturgia convida-nos a aproximar-nos, passo a passo, do mistério da Incarnação. Com Isaías, João Batista, Maria e José, percorremos o caminho da promessa até à sua plenitude. Com a lâmpada acesa, a estrada aberta, o manto estendido e a porta franqueada, preparamos a nossa casa interior para acolher o Salvador.

Que este itinerário ajude as nossas comunidades a viverem um Advento orante, atento e comprometido, onde a Liturgia seja verdadeiramente escola de fé e lugar de encontro com o Deus vivo. Que, em cada celebração, em cada gesto, em cada coração disponível, a esperança se faça carne – hoje e sempre.

1.ª SEMANA DO ADVENTO

“Vigiar na Esperança”

“Vigiai, pois não sabeis em que dia virá o vosso Senhor.” (Mt 24, 37-44)

O primeiro domingo do Advento abre um novo Ano Litúrgico. É o domingo da vigília, da esperança ativa e da luz que desponta. A Igreja inicia o caminho de preparação para o Natal com o coração desperto e os olhos fixos no Senhor que vem.

O tom orante e discreto da Liturgia não é sinal de tristeza, mas de espera confiante. A espiritualidade deste domingo centra-se na promessa de Deus: o futuro está nas Suas mãos, e Ele vem ao encontro da humanidade.

Vigiar é viver acordado, atento aos sinais da presença de Deus, mesmo nas noites da vida. A esperança cristã é o lume aceso que resiste à escuridão.

Figura bíblica: Isaías – o profeta da promessa

Isaías fala ao povo desanimado, mergulhado na escuridão da história, e anuncia uma luz:

“O povo que andava nas trevas viu uma grande luz.”

Ele é a voz que desperta a esperança. A sua palavra é semente de confiança em Deus, que não abandona. Isaías ensina-nos que esperar é acreditar que o futuro pertence a Deus, e que a luz virá, mesmo quando tudo parece escuro.

Símbolo litúrgico: A LÂMPADA ACESA

A lâmpada é sinal da fé que vigia e da presença de Deus que ilumina. Na Liturgia, a luz é sempre símbolo de Cristo ressuscitado. No Advento, a lâmpada acesa representa o coração desperto, que não adormece na indiferença, mas espera confiante o Salvador.

Dinâmica celebrativa:

(Introdução litúrgica - pode ser dita por um leitor, catequista ou presidente)

Irmãos e irmãs, iniciamos hoje o santo tempo do Advento, tempo de esperança e de vigília. Com o profeta Isaías, escutamos o convite a caminhar à luz do Senhor. Acendemos a primeira vela da coroa do Advento, sinal da luz que já desponta no meio da noite, enquanto esperamos Aquele que vem habitar entre nós.

Oração para acender a 1.^a vela

Senhor da Luz e da Esperança,
neste primeiro domingo do Advento acendemos esta vela,
pequena chama que rompe as trevas.
Que ela seja para nós sinal da vossa presença e do vosso amor fiel.
Despertai-nos da indiferença e do medo,
para que vivamos atentos à vossa vinda e firmes na esperança.
Fazei-nos sentinelas da aurora,
que vigiam com os olhos da fé e o coração confiante.
Vinde, Senhor Jesus, Luz do mundo! Amen.

Catequese mistagógica: “A luz que vigia”

A vela que acendemos não é apenas decoração; é ‘sacramento de esperança’. Como a chama precisa de ser alimentada, também a nossa fé precisa da Palavra e da oração.

Vigiar é mais do que esperar passivamente — é agir com esperança, é manter o coração desperto e as mãos ocupadas no amor.

O Advento começa com este convite: “Levanta-te, acende a tua luz.”

“Permanecei vigilantes, acendendo a chama da esperança.”

2.^a SEMANA DO ADVENTO

“Preparar os Caminhos da Esperança”

“Preparai o caminho do Senhor.” (Mt 3, 1-12)

O segundo domingo do Advento convida-nos a passar da vigilância à ação.

Depois de acender a luz da fé (1.^a semana), somos agora chamados a preparar o coração — abrir caminhos, endireitar veredas, remover os obstáculos que impedem a vinda do Senhor. O protagonista deste domingo é S. João Batista, a voz que clama no deserto, anunciando um batismo de conversão. O seu apelo ecoa na Igreja: *“Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.”*

O Advento é, assim, um tempo de purificação interior e de esperança operante. Esperar o Senhor é comprometer-se na conversão e na justiça. A conversão é o caminho onde a esperança floresce. O Advento é o tempo de preparar espaço interior para o Senhor que vem.

Figura bíblica: João Batista – a voz do deserto

João é o profeta da fronteira: entre o Antigo e o Novo Testamento, entre o deserto e a terra prometida, entre o anúncio e a presença.

O seu apelo à conversão não é moralismo, mas convite ao reencontro com Deus. O deserto onde João vive e prega é símbolo do essencial — lá onde o supérfluo cai e só permanece o que é verdadeiro. É também o lugar onde se prepara o caminho da esperança.

Símbolo litúrgico: A ESTRADA ABERTA

O caminho representa a nossa vida interior e comunitária.

Durante o Advento, somos convidados a abrir espaço à graça, a nivelar os vales da indiferença e a remover as pedras do egoísmo. Preparar o caminho é preparar o coração.

Dinâmica celebrativa:

(Introdução litúrgica - pode ser dita por um leitor, catequista ou presidente)

Irmãos e irmãs, continuamos o nosso caminho de Advento. No deserto da vida, escutamos hoje a voz de João Batista: “Preparai o caminho do Senhor.” Acendemos a segunda vela da coroa, sinal de que a luz da esperança cresce, e queremos, com o coração purificado, preparar lugar para o Senhor que vem.

Oração para acender a 2.^a vela

Senhor da Conversão e da Esperança,
acendemos esta segunda vela, lembrando a voz de João Batista,
que nos chama a preparar os vossos caminhos.
Afastai de nós o que nos prende à indiferença e ao pecado.
Tornai o nosso coração estrada livre,
por onde passe a vossa paz e floresça a vossa vida.
Que a vossa Palavra endireite o que está torto,
e a vossa graça renove o nosso ser.
Vinde, Senhor Jesus, caminho de salvação! Amen.

Catequese mistagógica: “Converter-se é preparar espaço”

Converter-se não é mudar de roupa, mas mudar de coração. O deserto onde João prega é o símbolo da verdade, onde a esperança é purificada. Cada obstáculo removido é um passo dado no caminho da graça. A estrada aberta representa o nosso coração disponível, pronto para acolher o Emanuel, Deus connosco.

“Remove as pedras do teu caminho: a esperança floresce onde há espaço
para Deus.”

3.ª SEMANA DO ADVENTO

“A Alegria da Esperança”

“És Tu Aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?” (Mt 11, 2-11)

O Domingo Gaudete (do latim gaudete, “alegrai-vos”) é uma pausa luminosa no tom austero do Advento. A Igreja, em meio à espera vigilante e à conversão, antecipa a alegria do Natal, porque “o Senhor está perto” (*Fl 4,4-5*).

O roxo das vestes litúrgicas pode e deve ser substituído pelo rosa, sinal da alegria que brota da esperança. O foco não está em uma alegria superficial, mas na alegria pascal que nasce da fé— mesmo nas dificuldades.

Depois de vigiar (1.ª semana) e preparar o caminho (2.ª semana), o coração abre-se agora à alegria confiante de quem sabe que Deus cumpre o que promete.

A alegria cristã nasce do encontro com o Senhor. É o fruto da esperança que se torna confiança e canto.

Figura bíblica: Maria – a mulher da alegria e da fé

Maria é a primeira discípula da esperança. No seu “sim”, a promessa divina torna-se carne. Ela vive a alegria da fé, não porque tudo é fácil, mas porque tudo é acolhido em Deus. O seu cântico, o Magnificat, é a canção da esperança feita vida: *“A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador.”*

Maria ensina-nos que a alegria verdadeira é confiar na fidelidade de Deus, mesmo nas incertezas.

Símbolo litúrgico: O MANTO ESTENDIDO

O manto é sinal de acolhimento, ternura e proteção.

Na tradição bíblica, o manto é o espaço do cuidado: cobre o frio, envolve o fraco, protege o dom. Maria estende o seu manto sobre a humanidade como mãe que gera esperança.

Dinâmica celebrativa:

(Introdução litúrgica - pode ser dita por um leitor, catequista ou presidente)

Irmãos e irmãs, a nossa espera enche-se hoje de alegria: o Senhor está perto! Como Maria, queremos acolher com fé a vossa promessa e deixar que a esperança floresça no nosso

coração. Acendemos a terceira vela da coroa do Advento, sinal da alegria que brota do amor de Deus que vem habitar connosco.

Oração para acender a 3.^a vela

Senhor da Alegria e da Promessa,
acendemos esta terceira vela,
símbolo da vossa presença que alegra o nosso coração.
Com Maria, proclamamos o vosso amor e a vossa fidelidade.
Enchei-nos da vossa ternura e ensinaí-nos a cantar o vosso louvor,
mesmo quando a vida parece árida e o caminho difícil.
Fazei florescer a esperança no deserto das nossas rotinas
e tornai-nos testemunhas da vossa alegria.
Vinde, Senhor Jesus, fonte da nossa esperança! Amen.

Catequese mistagógica: “A esperança floresce em alegria”

A alegria cristã não ignora as dores do mundo — transforma-as. É o fruto da presença do Emanuel, que habita em nós. O manto estendido de Maria é imagem da Igreja que acolhe, protege e gera vida. Na liturgia, este gesto recorda-nos que a esperança se faz carne quando se faz amor.

“A alegria é o perfume da esperança quando floresce em amor.”

4.^a SEMANA DO ADVENTO

“Acolher a Esperança”

“José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa.” (Mt 1, 18-24)

O quarto domingo do Advento é marcado pela proximidade do Natal. As leituras e a liturgia preparam o coração para o Mistério da Incarnação. A Igreja já não fala de “Aquele que há de vir”, mas de “Aquele que vem e habita entre nós”. O clima é de silêncio reverente, de acolhimento e contemplação. A fé já não espera apenas — acolhe. E quem melhor do que José, o justo, para nos ensinar este acolhimento silencioso e fiel?

Acolher Deus é abrir espaço na vida para o mistério. A esperança torna-se casa: “E o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós.”

Figura bíblica: José – o homem do silêncio fiel

José é o homem da escuta e da obediência. Não fala uma só palavra nos Evangelhos, mas toda a sua vida é resposta concreta à Palavra de Deus. No silêncio, acolhe Maria e o Filho; na obscuridade, confia. José ensina-nos que a esperança se acolhe não com palavras, mas com disponibilidade interior.

“Não temas receber Maria.” — o mesmo convite ressoa a cada um de nós: Não temas abrir a porta do teu coração à presença de Deus.

Símbolo litúrgico: A PORTA ABERTA

A porta é o símbolo do acolhimento e da hospitalidade interior.

Abrir a porta é permitir que o Senhor entre e habite connosco.

Na Liturgia, a porta aberta lembra que a Igreja — e o coração do cristão — é lugar de encontro, não de fechamento.

Dinâmica celebrativa:

(Introdução litúrgica - pode ser dita por um leitor, catequista ou presidente)

Irmãos e irmãs, chegamos à última etapa da nossa caminhada do Advento. Com José, aprendemos a acolher o mistério com fé e confiança. Acendemos hoje a quarta vela da coroa, sinal da plenitude da luz e da esperança que se faz carne. Que o nosso coração seja casa aberta ao Deus que vem habitar connosco.

Oração para acender a 4.^a vela

Senhor da Presença e da Fidelidade,
acendemos esta quarta vela,
recordando José, homem justo e silencioso,
que Vos acolheu com fé e amor.
Abri também as portas do nosso coração,
para que o vosso Filho encontre morada em nós.
Que a vossa presença transforme o nosso lar em casa de paz,
e a nossa vida em testemunho do vosso amor.
Vinde, Senhor Jesus, Emanuel, Deus connosco! Amen.

Catequese mistagógica: “O coração como casa de Deus”

A porta aberta é a imagem do coração que se deixa tocar pela graça. O Advento culmina quando deixamos Deus entrar, não apenas no presépio, mas em nós. José recorda-nos que a fé é feita de gestos silenciosos: abrir, acolher, confiar. O Emanuel é o Deus que bate à porta, não para exigir, mas para amar. Quando abrimos a porta, a esperança faz-se carne.

“Abre a tua porta: o Emanuel quer habitar em ti.”

Ao propor este itinerário mistagógico para o Advento, é fundamental recordar que toda a dinâmica simbólica e catequética deve estar ao serviço da Liturgia e nunca a sobrepor-se a ela. A celebração litúrgica é sempre ação de Cristo e da Igreja; por isso, qualquer gesto ou símbolo deve brotar do espírito da Liturgia, conduzir à oração e favorecer o encontro com o Mistério que se celebra. A criatividade pastoral é bem-vinda quando nasce da fé e se integra com sobriedade, beleza e sentido.

Os gestos simbólicos sugeridos — acendimento das velas, apresentação dos símbolos semanais, orações próprias ou cânticos — devem ser realizados em momentos adequados, preferencialmente no início da celebração dominical, depois da saudação inicial e antes do ato penitencial. Nunca se devem inserir símbolos ou dinâmicas no interior da Liturgia da Palavra nem durante o rito eucarístico, para não quebrar o ritmo orante e sacramental da celebração. Os gestos devem ser simples, breves e sempre acompanhados de uma oração ou breve silêncio que ajude a interiorizar o seu significado.

A coroa do Advento deve encontrar-se num local visível, mas discreto, nunca sobre o altar. Coloca-se preferencialmente junto ao ambão ou num espaço lateral do presbitério. O acendimento das velas pode ser feito por uma família, um grupo de catequese ou um elemento da comunidade, com a devida preparação. O gesto deve ser sóbrio, acompanhado da oração própria e, se for oportuno, de um pequeno refrão. Respeitam-se as cores tradicionais: três velas roxas e uma rosada para o terceiro domingo (*Gaudete*). No quarto domingo acendem-se as quatro velas, sinal da plenitude da luz e da proximidade do Natal.

Toda a linguagem usada nas orações, comentários e cânticos deve ser orante, teologicamente correta e centrada em Deus. Evitam-se expressões sentimentais ou moralistas. A mistagogia faz-se através da explicação breve e simbólica, não por longos discursos. O objetivo é conduzir a assembleia da experiência sensível do símbolo ao mistério invisível de Cristo presente na Liturgia.

O ambiente do espaço celebrativo deve caracterizar-se pela simplicidade e pela sobriedade próprias do Advento. Evitam-se decorações exuberantes, brilhos e luzes natalícias antes da Noite Santa. O presépio pode ser preparado progressivamente, mas o Menino Jesus só deve ser colocado na Noite de Natal. Convém valorizar o silêncio e a penumbra, especialmente antes das celebrações, como expressão da vigília e da espera orante.

Finalmente, é bom recordar que a Liturgia não é uma atividade pedagógica ou teatral, mas Mistério de salvação. As dinâmicas, os símbolos e os gestos só têm sentido se conduzirem ao encontro vivo com Cristo, o Emanuel, Deus connosco. Quando cada gesto é vivido com fé, humildade e beleza, a esperança faz-se verdadeiramente carne na comunidade que celebra.